Daniela Vendramini Zanella
Silmara Pereira da Silva Martins
Vilma Franzoni
(orgs.)

A árvore e seus versos

Poemas selecionados do 45º Concurso Literário da Uniso



EDUNISO

A árvore e seus versos

Poemas selecionados do 45º Concurso Literário da Uniso

Reitor e Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPG):
José Martins de Oliveira Jr.
Pró-Reitor Administrativo, de Inovação e de Internacionalização (PROADIN): Rogério Augusto Profeta
Pró-Reitor de Graduação, Assuntos Estudantis e Extensão (PROGRADE): Fernando de Sá Del Fiol

Direção editorial: Rafael Ângelo Bunhi Pinto
Editoras assistentes: Silmara Pereira da Silva Martins; Vilma Franzoni

Conselho editorial
Daniel Bertoli Gonçalves
José Martins de Oliveira Júnior
José Renato Polli
Luiz Paulo Ribeiro
Marcelo Augusto Scudeler
Marco Vinicius Chaud
Maria Ogécia Drigo
Rafael Augusto Moreira
Vidal Dias da Mota Junior

Editora da Universidade de Sorocaba (Eduniso)
Biblioteca "Aluísio de Almeida"
Rodovia Raposo Tavares KM 92,5
18023-000 – Jardim Novo Eldorado
Sorocaba | SP | Brasil
Fone: (15) 21017018
E-mail: eduniso@uniso.br
Site: https://editora.uniso.br

Daniela Vendramini Zanella
Silmara Pereira da Silva Martins
Vilma Franzoni
(orgs.)

A árvore e seus versos

Poemas selecionados do 45º Concurso Literário da Uniso

Sorocaba/SP
Eduniso
2026

2026 A árvore e seus versos: poemas selecionados do 45º concurso literário da Uniso.
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. Todos os direitos desta edição estão reservados aos autores.



4.0 internacional

Créditos

Capa: arte gerada com auxílio do ChatGPT Images, versão 2.5 (OpenAI, 2026).
Normalização: Vilma Franzoni
Diagramação: Silmara Pereira da Silva Martins

Ficha Catalográfica

A árvore e seus versos : poemas selecionados do 45º concurso literário da Uniso / organização, Daniela Vendramini Zanella, Silmara Pereira da Silva Martins, Vilma Franzoni. Sorocaba, SP : Eduniso, 2026.
92p.

Publicação digital (e-book) em formato PDF

e-ISBN: 978-65-89550-41-9

DOI: https://doi.org/10.22482/eduniso.84

1. Poemas. 2. Concurso literário – Universidade de Sorocaba – Sorocaba (SP). I. Vendramini Zanella, Daniela. II. Martins, Silmara Pereira da Silva. II. Franzoni, Vilma.

Vilma Franzoni
Bibliotecária – CRB-8/4485

Daniela Vendramini Zanella
Silmara Pereira da Silva Martins
Vilma Franzoni
(orgs.)

A árvore e seus versos

Poemas selecionados do 45º Concurso Literário da Uniso

COMISSÃO AVALIADORA

A organização do 45º Concurso Literário da Universidade de Sorocaba (Uniso) agradece aos membros da comissão avaliadora pela leitura criteriosa e pela avaliação dos poemas inscritos nesta edição.

Beatriz Elaine Picini Magagna

Daniela Vendramini Zanella

Daniele de Oliveira Garcia

Maria Angélica Lauretti Carneiro

Paulo Edson Alves Filho

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 10
Daniela Vendramini Zanella

ANATOMIA DO GESTO VERDE 12
Denise Beatriz da Silva Reis

A ÁRVORE 13
Daniel Fazzio Pires

ÁRVORE-BRÔNQUICA 16
Débora Sousa Araújo

ÁRVORE-CONDICIONADA 17
Ygor Ceccon Marcelino

A ÁRVORE DA ESPERANÇA 18
Jairo Viana Santiago

A ÁRVORE DAS INICIAIS 19
Marcelo Henrique Soares Perez

ÁRVORE ETÉREA 22
Alexandra Aparecida Jahnel Pascoal

A ÁRVORE QUE APRENDEU O FUTURO 24
Rodrigo Gomes Santos

A ÁRVORE QUE FALTA À PALAVRA 26
Lucio Rodrigues Junior

A ÁRVORE QUE SONHAVA O AMANHÃ 28
Denise Camargo Lancia

ÁRVORE: SEMENTE PARA MUITOS DIAS 29
Carlos Alexandre Marcelino Monteiro

ARVORECER 31
Elaine Cristina de Matos Fernandez Perez

ÁRVORES 34
Wilson Roberto Theodoro

ÁRVORES DA VIDA, VIDAS DE ÁRVORES 35
Camille Fernanda de Abreu Nascimento

BIBLIOTECA DE VENTO 37
Geisa Moreira Regazzi Gerk Benchimol

CACHE 39
Raphael Rodrigues De Souza

CAJAZEIRO 42
Selma America Brito Silva

MEU CAJUEIRO 43
Elvira Glória Drummond Miranda

A CALIGRAFIA DAS RAÍZES 44
Débora Camila Gomes Freitas Brasil

AS CAMBACICAS NOS REMEMORAM O AFAGO 46
Maria Emanuelle Osório Prates Cardoso

CEDRO ROSA: CRESCER SEM ESQUECER 47
Eduardo Xavier Ferreira Glaser Migon

UMA COPA FLORIDA 49
Patricia de Campos Occhiucci

DUETO ÁRVORE 50
Anna Maria Gallo

ENTRE AS RAÍZES E O AMANHÃ 51
Luciana Soares Chagas 51

ENTRE DUAS ÁRVORES 53
Marcela da Silva Lira Correia

O EXTUÁRIO 54
Helena Carneiro Polles

GRANDE PINHEIRO 56
Lucas Francisco Santos de Jesus

IPÊ AMARELO 57
Irene Moura Beteille

MEMÓRIAS DA SEMENTE 58
Andre Luis Soares

MEMÓRIAS QUASE PÓSTUMAS DAS ÁRVORES 60
João Pedro Nunes Ruivo

MESMO AMANHÃ 62
Inês Cristina do Prado

NA SOMBRA DA LARANJEIRA 64
Nelci Lourdes Back Oliveira

NATUREZA MORTA 65
Paulo Roberto Aleixo

O NOME DA GOIABEIRA 66
Cesar Martins Guimarães

O PACTO DA VERTICALIDADE 68
José Carlos da Silva Sales

PRECES DE DEVOÇÃO 70
Ana Luiza Lima Saturnino

A PRIMEIRA INTELIGÊNCIA DA TERRA 72
Célia de Fátima Lopes da Silva

A QUEDA DA PRIMEIRA ÁRVORE 73
Evandro Aranha

SEM NEXO 74
Arthur Thomaz da Silva Neto

SIBIPIRUNA 75
Henrique Montserrat Fernandez

SOMBRA DE LEMBRANÇAS 77
Emanuelle Silva Rabelo

SONETO DE PAPEL 79
Giovanna Tardelli Bernardes Rinaldi Leite

TEMPLO VERDE 80
Paulo Ismar Mota Florindo

O TEMPO, SUAS FOLHAS E SUA FALTA 82
Beatriz Ferreira Braga

TERRA ERMA 84
João Felipe Salomão

TOC TOC, ALGUÉM AÍ? 85
Emily Isa Siqueira Fontes

TRILHA 87
Eduardo Ferreira de Souza

O TRONCO DO FUTURO 88
Natalia Beatriz Nunes

VIVEMOS 89
Darlan Alcantara de Padua

WOOD WIDE WEB 91
José Carlos da Silva

APRESENTAÇÃO

Daniela Vendramini Zanella

Há temas que atravessam o tempo porque dizem respeito à própria experiência de estar no mundo. A árvore é um deles. Presença cotidiana e, ao mesmo tempo, imagem carregada de significados, ela nos acompanha como abrigo, memória, paisagem, testemunha e promessa. Em suas raízes, reconhecemos a permanência; em seus anéis, as marcas do tempo; em seus galhos, a possibilidade do que ainda poderá florescer.

É dessa multiplicidade de sentidos que nasce *A árvore e seus versos*, coletânea que reúne poemas selecionados do 45º Concurso Literário da Universidade de Sorocaba. Ao chegar à sua 45ª edição, o Concurso Literário da Uniso constitui-se como uma iniciativa consolidada de valorização da literatura, da criação artística e da circulação de diferentes vozes. Sua trajetória evidencia a permanência de um espaço que aproxima autores, leitores e comunidade em torno da palavra literária.

Nesta edição, a árvore tornou-se ponto de partida para diferentes experiências, sensibilidades e modos de compreender o mundo. Ao longo dos poemas, ela aparece associada à infância, aos afetos, à memória e à passagem das gerações; torna-se também imagem de resistência, perda, preservação e esperança. Em outros versos, aproxima-se da ciência, da tecnologia e das inquietações

diante do futuro, revelando a amplitude de sentidos que um mesmo tema pode suscitar.

Essa diversidade constitui uma das riquezas da coletânea. Embora os poemas compartilhem um mesmo eixo temático, cada autora e cada autor encontra na árvore uma maneira singular de dizer o mundo. Há árvores que recordam, acolhem, resistem, lamentam, ensinam e renascem. Há raízes que nos conduzem ao passado e copas que se projetam em direção ao amanhã.

Que A árvore e seus versos seja, assim, um convite a olhar com mais atenção para aquilo que cresce ao nosso redor, para as histórias que nos antecedem e para o futuro que estamos construindo. Entre raízes e ramos, memória e esperança, a poesia encontra sempre um espaço para florescer.

ANATOMIA DO GESTO VERDE

Denise Beatriz da Silva Reis

Tenho a paciência dos anéis do tempo
que se fecham em segredo sob a casca.
Não tenho pressa de florir;
sei que o inverno também é ocupação
e que o despojamento das folhas
é apenas a alma guardando o essencial.

Minhas mãos estendem-se para o alto
como quem decifra a caligrafia das nuvens,
enquanto os nós dos meus dedos
contam a história das tempestades vencidas.
Há uma sabedoria na matéria que se dobra
sem nunca esquecer a linha do horizonte.

Não sou poeira que o vento espalha,
sou a arquitetura que o chão sustenta.
Se a palavra me habita,
é porque aprendeu a esperar a chuva
e a fazer do silêncio do solo
o primeiro e mais profundo dos versos.

A ÁRVORE

Daniel Fazzio Pires

Havia um terreno
partido pelo silêncio.
De um lado,
a casca escrita pelas chuvas,
raízes que conheciam
a memória das pedras,
galhos pacientes,
como quem aprendera
ver o tempo florescer.

Do outro,
o tronco de linhas exatas,
folhas de brilho incomum,
veias de cobre,
brotos que acendiam
antes do anoitecer.
Cresciam uma contra a outra.
Uma aprofundava a terra.

A outra
procurava ultrapassar o céu.
Entre ambas,
o vento se dividia.
Os pássaros atravessavam o espaço
como quem passa
entre duas fronteiras.

Até que o céu entre as copas
se estreitou.
Já não havia distância
para outro galho,
nem chão
para crescer.
Foi então
que uma raiz,
avançando no escuro,
encontrou o brilho enterrado.
E um fio,
adormecido entre pedras,
provou o gosto silencioso
da seiva.

Nada aconteceu de repente.
O tempo prefere
os gestos que ninguém vê.
As folhas mudaram de rumor.
Os frutos ganharam outra luz.
Os ninhos encontraram lugar.
A madeira acolheu o metal.
O brilho aprendeu
a correr dentro da seiva.

As raízes se entrelaçaram.
Os troncos inclinaram-se
no mesmo impulso.

Pouco a pouco,
já não havia duas copas,
dois caminhos,
duas vontades
ferindo a mesma luz.
Havia uma só árvore,
profunda como a memória,
alta como o desejo,
com folhas capazes
de guardar a chuva
e galhos capazes
de acender a noite.

Quem passa por aquele terreno
já não procura
onde uma termina
e a outra começa.

Ali,
terra e clarão
cresceram até já não caberem
separados:
a mesma raiz,
o mesmo tronco,
a mesma copa,
e uma única sombra
acolhendo
os dias que viriam.

ÁRVORE-BRÔNQUICA

Débora Sousa Araújo

Dilatado!
Respira, expira, suspira e joga tudo pra fora.

Sangue venoso

Brônquios e brânquias,
Seivas e selvas.

Sangue venoso

Na infância: raiz
Na adultice: poda
Na velhice: resiste

Sangue venoso

Dilatado.
Respira, expira, suspira e joga tudo pra fora.

ÁRVORE-CONDICIONADA

Ygor Ceccon Marcelino

Desconhecida,
ponho-me, horizontal;
água, miúdos e graúdos
nascida com fim.

Além não há,
hei de morrer,
condenada pelo vertical:
falha na complacência.

Produto, incômodo
gourmet, projeto
sem estrutura,
fruto moderno.

Inevitavelmente
sinto falanges de metal;
a epiderme do inimigo
quente sem mim.

Cones anunciadores
da morte de mais uma.
Telespectadores
da destruição criativa.

A ÁRVORE DA ESPERANÇA

Jairo Viana Santiago

À sua sombra, descanso e convívio;
Sobre seus ramos, pássaros se aninhavam.
Aos céus erguia seus braços em louvor;
Suas folhas ao som do vento cantavam.

Muitos apreciaram a sua presença serena.
Que abrigo ela foi, que beleza expressou!
Foram prédios que a expulsaram?
Foram décadas ou ciclos que a cansaram?

Por longos anos foi presente, foi gigante;
Foi amiga observando cada semblante.
Mas a vida insiste, ela segue viva!

Há, hoje, um rebento seu, o antigo se renova.
O cuidado está presente, a memória se preserva.
A esperança prova o que o futuro aprova.

A ÁRVORE DAS INICIAIS

Marcelo Henrique Soares Perez

Nasci almejando o céu,
Fiz de minhas folhagens um véu.
Cresci mais alta que minha bravura,
Agora sou o lar de toda criatura.

Como observador que sou,
Vi algo que me tocou:
O amor na forma mais pura.
Faziam a solene jura:
Em meus troncos já craquelados,
Marcaram suas iniciais bem apaixonados.

As folhas amarelaram,
Os amantes voltaram.
Ela ria enquanto andava,
Ele pensativo nada falava.
Após algum tempo de conversa,
A situação ficou tensa.
Ele tentava explicar,
Ela em negação se pos a chorar.

O tempo passou,
De repente a moça voltou.
Consigo uma cruz branca,
Olhos sem esperança.

Pos a cruz no chão
Com dor no coração.
Rezava, chorava e gritava;
Nada acalmava.

Vejo agora a jovem,
Vejo que ainda seus olhos sofrem.
Trazendo uma foto valiosa,
O amor perdido em terra perigosa.
Foi ao mar batalhar,
Mas não voltou para lhe amar.
Tocava as iniciais, tentando sentir
Tempos que deixaram de existir.

Os campos estavam gelados,
Neve que se estendia nos campos afastados.
Se afogando na lembrança,
tocou nas iniciais como parte de uma dança.
Uma voz esperada chamava;
Era tão real que a derrubava.

Mas dessa vez estava diferente:
Seus ouvidos sentiam como um presente.
Da colina branca de neve,
Vinha ele que mancava de leve.
A moça correu em alegria,
Abraçou quem ela mais queria.
Seu homem voltava.

Em seus olhos, algo lhe incomodava.
Dor e sofrimento,
Jurou apaziguar o tormento.

Nunca mais os vi depois,
Algo me diz que ainda se amam os dois.
Esqueci os rostos, tempo passou,
Mas o amor sinto que não acabou.

ÁRVORE ETÉREA

Alexandra Aparecida Jahnel Pascoal

Fui uma muda por bambu tutorada, quieta e só;
tutor amarrado com sisal, me feria os seus nós,
dancei nas tempestades e me fiz forte,
olhava para nuvens e desejava sua sorte.

Um dia com cimento em meus pés, despertei
humanos são tão estranhos, tentaram me conter,
lentamente, com força e paciência, me libertei,
então me impediram de deixar meus galhos crescer.

Floresci e frutifiquei, não mais me molestaram,
só pássaros vinham comer frutos mais altos,
muitas das feridas de outrora jamais sararam,
não queria estar na calçada, queria os planaltos,
sou árvore que sente, sou árvore que chora,
sou um ser vivo, não ando e quero ir embora.

Vejo o tempo vagar, tantos anos estou aqui,
essa rua já foi de terra, pedras e asfalto,
casa virou prédio que virou nada, só eu não caí;
dormi por muito tempo e acordei em um sobressalto.

Estranhamente não vejo um humano a muito tempo,
o mato cobriu os escombro do que um dia foram,
hoje sinto a chuva, sinto a terra e sinto o vento,
adormeço feliz, não terei pesadelos que me apavoram;
meu horizonte verde se encontra com o firmamento,
estou feliz, me parece que findou o meu tormento.

Desperto, me parece que a eternidade veio me abraçar,
minhas raízes se movem e ouso a melodia do universo
penso que a luz vem do sol, mas sou eu a brilhar,
horizonte diferente, em cor, som e luz está imerso,
sou árvore, sou vida, sou etérea, faço parte do eterno,
sem medo, sem trevas, em um imenso verão, sem
inverno.

A ÁRVORE QUE APRENDEU O FUTURO

Rodrigo Gomes Santos

Antes de haver caminhos,
havia raízes.
Eram elas que sabiam
onde a terra guardava
os nomes dos mortos,
a água escondida,
o rumor antigo das sementes.
Cresci ouvindo que uma árvore
é apenas aquilo que sobe.

Hoje sei:
ela também é o que permanece
quando tudo o mais desaparece.
Em seus galhos,
o tempo inventou pássaros.
Em seus anéis,
a memória contou os séculos
sem precisar de calendário.

Agora, porém,
o homem lhe oferece um novo idioma:
códigos, fibras, circuitos,
máquinas que aprendem
a decifrar o silêncio das folhas.

Talvez o futuro não seja
abandonar a floresta,
mas escutá-la.
Talvez a ciência descubra
o que os antigos já sabiam:
que nenhuma inteligência floresce
quando esquece suas raízes.

Por isso,
quando plantarmos o amanhã,
que não sejam apenas torres
a tocar o céu.
Que haja sombra.
Que haja fruto.
Que haja memória.

E que, entre a mão humana
e a semente,
a tecnologia não seja o fim da natureza,
mas a ferramenta humilde
com que aprendemos, enfim,
a não destruí-la.

Porque toda árvore
é uma pergunta erguida contra o tempo.
E toda humanidade
ainda procura a resposta
nas folhas.

A ÁRVORE QUE FALTA À PALAVRA

Lucio Rodrigues Junior

Escrevo árvore,
mas a palavra não dá sombra.
Nenhum pássaro pousa no acento,
nenhuma raiz rompe o papel
à procura do escuro que a alimenta.
Ainda assim, insisto.
Cada anel do tronco arquiva um inverno
que a memória humana já apagou;
cada folha, pequena oficina solar,
resolve em silêncio uma equação
que nossas máquinas apenas começam a soletrar:
água + luz + ferida = amanhã.
Talvez a ciência seja este espanto
medido com instrumentos,
e o poema, o instrumento rachado
por onde o espanto respira.
A árvore não cresce correta.
Desvia do muro, perde um braço,
faz da cicatriz outra nascente.
Seu erro de forma é sua forma de futuro:
um galho torto corrige o céu.
Nós, porém, derrubamos o que não sabemos dizer
e chamamos progresso ao vazio bem calculado.

Preservar é aceitar
que nem todo sentido cabe no nome;
é deixar no mundo alguma coisa
que não termine em nós.
Por isso não concluo este poema.
Deixo-lhe uma margem de terra,
um silêncio ainda fértil,
para que a árvore - antiga tecnologia da esperança -
complete a frase em oxigênio.

A ÁRVORE QUE SONHAVA O AMANHÃ

Denise Camargo Lancia

No tronco antigo mora a memória,
Em veios de cobre, silêncio e canção;
Guarda o verde vivo da nossa história
E o perfume da primeira estação.
As raízes escrevem sob a terra
Poemas que o tempo nunca desfez;
Abraçam a vida, acalmam a guerra,
Fazendo florescer um mundo de vez.
Cada folha é uma página aberta,
Onde a ciência aprende a escutar;
A natureza, sábia e desperta,
Ensina novas formas de criar.
A tecnologia, quando floresce,
Não precisa ferir nem destruir;
É como a chuva que a mata aquece,
Fazendo novas sementes surgir.
Que o futuro seja azul de esperança,
Verde de florestas a renascer;
Dourado na luz de cada criança
Que planta um sonho antes de crescer.
Árvore, catedral da liberdade,
Pincel de esmeralda no céu de anil;
Entre raízes, amor e verdade,
Sustentas o coração do Brasil.
Quem planta uma árvore semeia o tempo,
Colore o amanhã com ternura e luz;
E descobre, em cada novo rebento,
Que a Terra floresce onde o amor conduz.

ÁRVORE: SEMENTE PARA MUITOS DIAS

Carlos Alexandre Marcelino Monteiro

“Eu sou a videira, vós sois os ramos”
E tu árvore, que desde o princípio nutri a humanidade
Da folha a seiva bruta escorre na raiz e adormece na terra
Na primavera o campo floresce, mas no inverno…
No inverno tu és podada geme em choro, adoece e gritas!

Há séculos os edênicos procuram pelo paraíso
Mas Abel brada do submundo
“Aqui jaz o paraíso, aqui jaz o jardim!”
Cegos homens que mataram a Olívia
Feneceram seu brilho, quão cruéis são estes homens, cruéis… Cruéis.

Houve tempos em que árvores eram mais gente que gente
A mãe sumaúma, rainha salvadora dos povos originários
Símbolo de esperança, fonte d'água aos miseráveis sedentos
Oh! Sapopema como foste provedora
E os estrangeiros alheados invadiram nosso berço e ceifaram o coração da sociedade.

Hoje, seres clamam pelo fruto da terra, terra que um dia foi doce
Hoje, colhemos acerbas das árvores
Mas, ó ciência que olhaste o futuro e rompeste a dolência, que com mãos calejadas plantara sementes para prolongar a relva

Hoje, procuramos reparação ambiental, para que gerações não experimentem o amargo sabor da seca
Hoje, nos perguntamos quem ainda há de pintar o céu, ou livrar a floresta da sepultura.

Dilata-se o tempo, a figueira pela bravura, perdura, pés de manga estão madura, dizia minha avó
Queremos nossas crianças subindo nos galhos, ouvir as gargalhadas desde o alto, colhendo das árvores a poncã
Precisamos ser amigos das velhas árvores e plantar as novas, se revermos com incúria nossa terra, como poderá o ingá ou guandu dilacerar a fome?

“Lançai o pão sobre as águas”
dizia-nos um provérbio antigo
Precisamos lançar as sementes sobre a terra
Para que o achemos depois de muitos dias.

ARVORECER

Elaine Cristina de Matos Fernandez Perez

I – Devastação

Segura o peso em suas pernas
suporta as lembranças
dos dentes cortando sua carne
perdeste a força que te sustentava
arrancaram suas raízes
seus cabelos caíram
sua pele perdeu o aroma
das flores na primavera
suporta o peso das minhas mãos
que escreve sobre seu peito
minha voz mergulha no abismo
das palavras-em-demolição
meus traços adentram a floresta
suas irmãs te procuram
balançam ao vento
e lamentam o dia em que tombaste
do tremor da terra volto à página
e traço o espanto da voz dilacerada
pigmento a folha que descansa
sobre você
papel que conhece
as fases da produção
da palavra-bruta
que sangra e
funda o canto poético.

II – Lamento

Ouço o canto do
Uirapuru-verdadeiro
com a Araponga-da-Amazônia
traço cada nota melodiosa
que reverbera nas entranhas
da Sumaúma
esse canto-lamento-refrigério
amansa o grito da serra
que submetida geme a dor
que lacera a carne
do Mogno, do Cedro
da Itaúna e tantas irmãs
meu corpo-poema selvagem
é árvore-rainha
é corpo-água poético
corpo-arvoredo
que canta em harmonia com
os pássaros, com as dores
com o silêncio da grande floresta.

III – Metamorfose

Aprendo com o poema
a ventar pelas copas
e pigmentar meu corpo
de urucum
o poema me ensina
a incensar os versos
com palavras
que abrem caminhos
nos vãos das folhas
ranhuras guardam
verbos mestres em germinar.

IV – Pertencimento

Cultivo as misturas
meu traço é híbrido
meu nome é composto
minha palavra é ácida e adocicada
se componho com o cravo
o verso tem aroma picante
se me aterro na roça
meu poema é raiz.

ÁRVORES

Wilson Roberto Theodoro

Nos tempos de criança, quantos frutos
colhi diretamente no quintal,
em árvores frondosas, sobre os galhos,
em que eu trepava (às vezes) muito mal

(amora, carambola e até pitanga,
caju, jaboticaba e jamelão,
goiaba, acerola, jaca e manga,
mangaba, abacate e fruta-pão).

Onde estarão as árvores da infância?

Busquei-as outro dia e nada delas,
não havia mais plantas nem pomar.
Somente asfalto, prédios, casas, ruas,
calçadas, muros, becos, no lugar.

Ó mundo, vasto mundo! — tão mudado.
Sem árvores, fiquei desarvorado.

ÁRVORES DA VIDA, VIDAS DE ÁRVORES

Camille Fernanda de Abreu Nascimento

O destino pôs a mesa, e me serviu de entrada, prato principal e sobremesa.
Junto às coisas jazo eu, minh'alma pingada em cada item,
Pois estou em tudo, mas nada me contém,
Se pranteio, o véu da grandeza me cobre.
Raíz de jequitibá, me planto aqui para florescer haja o que houver,
Para ser vista, ainda sorrindo, séculos a vir.

Como sempre, servida do começo, do fim me apeteço,
E minha fome não é aliviada por laços frágeis.
Sedenta de verdade, da feiura que abstém os bons da santidade.
Jabuticabeira trabalhando na rua,
Escolhendo mãos e alimentando os sãos.

Sou a luz da cozinha e a escuridão dos armários,
Refletida nos talheres frios, e nas camadas bagunçadas da lasanha,
O pó que afaga o chão, no vento,
Os insetos morrendo para alcançar sua terra prometida de luz.
E mesmo indo, permanecem,
Cada geração que escala um tronco rústico.

Existo nos azulejos que servem a gerações,
No calçado gasto que protege os pés da dura terra,
Na dureza da terra que nos ensina que resistir não é defeito,

No defeito que mostra que o paraíso está tão longe
quanto acreditamos,
Na crença que diz que nunca devemos aceitar o jugo,
No jugo que nos ensina que o sofrimento não é eterno,
Na eternidade que prega: somos mais e menos
importantes do que imaginamos,
Na imaginação que nos mantém vivos na sepultura,
Na sepultura, que permeia a ausência e memora a
existência,
Como tantos olharam a mesma árvore,
E partiram de volta a suas vidas sem perceber
O fio que os une à vida, mal podendo esperar.

BIBLIOTECA DE VENTO

Geisa Moreira Regazzi Gerk Benchimol

Antes de o homem
inventar o papel,
a árvore
já escrevia.
Cada anel do tronco
guardava uma estação.
Cada raiz
sabia, no escuro,
onde a chuva
costumava voltar.
Cada folha
traduzia
a caligrafia do vento.
Vieram os mapas.
Vieram os satélites.
Vieram as máquinas
capazes de aprender
conosco.
E, no entanto,
nenhuma delas
conhece
o idioma
das sementes.
A ciência
aprende a medir o céu.
A árvore
continua ensinando
onde começa a terra.

Mas o futuro
perderá a própria voz
se esquecer
da antiga biblioteca
que permanece de pé
à margem dos caminhos.
Toda árvore poupada
conserva
uma palavra
que ainda respira.
Escreve,
sem tinta.
Sem papel.
Apenas com o tempo.
Quem planta uma muda
não cultiva apenas
uma árvore.
Deixa ao tempo
uma sombra
onde o amanhã
aprenderá
a lembrar.

CACHE

Raphael Rodrigues De Souza

Quando desligarem o último servidor,
restará uma árvore
contando anos
na lentidão dos anéis.

Nós chamamos memória
ao que cabe em silício.
Ela chama memória
ao peso da chuva.

Debaixo do asfalto,
nenhuma fibra óptica
sabe conversar
com um fungo.

A seiva sobe
sem pedir permissão.
A casca
registra
o formato
da ferida.

Cada folha
escreve
o ar
que esquecemos
de inventar.
Toda primavera
refaz
um desenho

anterior
às palavras.

O cheiro de um incêndio
chega antes da fumaça.

Nenhum fio
traduz
esse cheiro.

O silêncio de uma floresta
começa
no último inseto.

Os gráficos do clima
continuam subindo.

Construímos máquinas
para lembrar tudo.

Ela
abandona folhas
como quem sabe
exatamente
o que pode esquecer.

Quando o futuro chegar
com suas torres
e o céu
lotado de antenas,

talvez descubram,
escavando o concreto,

que a primeira máquina
nunca precisou
de eletricidade.

E que toda floresta
rodava
em segundo plano,
há gerações,
transformando
luz
em oxigênio.

A chuva
continuava
pesando.

CAJAZEIRO

Selma America Brito Silva

CAJAZEIRO quando te vejo,
Tristezas e mágoas me traz
Recordação do último olhar
O olhar que dei
No meu pai,
Que não será
Repetido jamais.

Eras tão pequeno
Quando te plantei,
Cresceste igual
À minha saudade!
Nunca imaginei
Uma árvore
Fizesse recordar
A minha Paternidade.

Por que cresceste assim?
Entre todas as árvores
No meu quintal?
Só para desafiar
Meus sentimentos
E meu amor filial!

Se um dia
Te cortarem,
Haverá pena em sentir,
Mesmo que reste
O tronco,
Haverá de lembrar
Meu pai
Através de ti.

MEU CAJUEIRO

Elvira Glória Drummond Miranda

Ficou o meu frondoso cajueiro,
na trilha da memória, carimbado;
no galho-mão susteve, pendurado,
o meu balanço em talas de ingazeiro.

Ao balançar, meu sonho alvissareiro
mirava, das alturas, deslumbrado,
esplêndido futuro ensolarado,
com bênçãos divinais de algum mosteiro…

Meu cajueiro — velho e bom amigo —
não mais existe… apenas, hoje, o abrigo
no tempo eternizado pelo amor.

Meu cajueiro-irmão que a infância encerra
tombou sob o furor da motosserra,
cerrando o meu olhar… tamanha a dor!

A CALIGRAFIA DAS RAÍZES

Débora Camila Gomes Freitas Brasil

Antes de ser árvore,
fui silêncio enterrado.

Uma pequena promessa
guardada na escuridão da terra,
onde o tempo trabalhava
sem testemunhas.

Minhas raízes
não procuram apenas água.
Procuram histórias.

Carrego nas veias
a memória das chuvas antigas,
o canto dos pássaros extintos,
as mãos que um dia tocaram meu tronco
pedindo sombra
ou perdão.
Sou casa de ninhos,
biblioteca de ventos,
relógio que mede os séculos
sem apressar a passagem.

Mas o mundo mudou.

Agora há olhos humanos
tentando decifrar meus anéis,
máquinas aprendendo a escutar
o silêncio das raízes.

Não quero ser apenas
a memória do que tombou.

Quero ser raiz do que virá.

Que as mãos do futuro
aprendam a tocar sem ferir,
cultivando o amanhã
com a paciência das sementes.

Cada árvore que permanece
mantém viva
uma frase da floresta.

E quando uma nova folha nasce,
a Terra inclina o ouvido ao tempo
e revela, entre nervuras verdes,
a escrita secreta das raízes:
cada broto prolonga
a caligrafia da Terra.

AS CAMBACICAS NOS REMEMORAM O AFAGO

Maria Emanuelle Osório Prates Cardoso

I

servimos de galho aos tucanuçus,
ritmando as flores dos cajus.

as ancas do alísio
ronronam sobre
a sozinhez
do dossel decíduo.

as folhas repousam
uma sobre a outra,
de modo que juntas,
fazem chá
e chão para os pássaros.

II

rememora em
janela tua,
os pardais
compartilhando o gesto,
a semente da goiaba,
o desnudo galho:
prece de adivinhações.

CEDRO ROSA: CRESCER SEM ESQUECER

Eduardo Xavier Ferreira Glaser Migon

Você estava aqui antes do asfalto,
antes do nome da rua, antes da rua.
Te pergunto e você não responde em palavra:
responde em anel, em casca, em sombra.

Viu a tropa descer pela poeira,
a mula que abria caminho antes do mapa,
o casco e a raiz traçando a mesma estrada.
Cada círculo da tua madeira
sabe um nome que a cidade esqueceu.

Você vive na borda de dois mundos:
de um lado a mata fecha o céu em verde,
do outro o campo aberto, a seriema risca a manhã.
O tucano chega ao galho, vem da floresta,
o lobo-guará desce do cerrado.
Nenhum dos dois está perdido.
Você é onde os mundos se reconhecem.

Cedro e copaíba, pau-terra e barbatimão,
cada uma com seu remédio, sua resina e semente,
farmácia antiga que ninguém inventou.
O joão-de-barro levanta casa no teu braço
sem manual, sem planta, sem licença.

Chegam os que aprendem a medir,
os que a universidade ensinou a te escutar.
Trazem sensor, viveiro, banco de sementes,
leem na folha a água que sobe e o sol que guardas,
da raiz copiam a rede que fala com o fungo,
na casca procuram moléculas de cura.
Tecnologia não te substitui: te aprende
e devolve vida ao teu redor.

Você é de ontem e de agora,
da tua copa vem a sombra de amanhã.
Na borda do espaço une dois mundos,
na borda do tempo une dois tempos:
a memória que não se perde
e o futuro que não abandona ninguém.
Quem te rega assina o nome dos netos,
e a cidade aprende a crescer sem esquecer.

UMA COPA FLORIDA

Patricia de Campos Occhiucci

Que bonita aquela figura
tão alta e cheia de vida,
de flores amarelas escuras
à contemplação, nos convida
chuva fortuita livre da secura
e deixe a árvore bem vestida!

Dê ramos de um fruto suculento
bastante néctar para a abelha
enfeite a velha praça ao relento
servindo de casa, verde telha
às aves, que dormem no vento
buscando calor e uma centelha.

Ao abraçá-la, surge a conexão
o tronco puxa o excesso de carga
parece entender nosso coração
por um instante, tira a dor amarga
ao ouvir o silêncio naquele rincão
o tempo para, e nada estraga.

Recende o cheiro de suas folhas
as raízes espalham e dão firmeza
para que, durante a primavera, colha
pelo caule forte, ainda mais beleza
cuidar delas, seja sempre a escolha
sombra da majestosa natureza!

DUETO ÁRVORE

Anna Maria Gallo

Sua seiva desliza
suave por todo o meu corpo.
Sonho o abraço dos seus galhos
vindo ao encontro dos meus braços.
O desejo e o bem-querer caminham juntos,
seiva-sangue, no deífico encontro!
Quero a vida- latente
que me oferece a sua sombra e o verde
do seu olhar embevecido de ternura.
No excitante gosto da clorofila-oxigênio,
me embaraço e entrelaço, galhos e braços.
Transijo o humano
e troco os meus braços pelos seus abraços.
Me aconchego apaixonada
no seu tronco, morno, frondoso e enfeitiçados
transmudamos a seiva-sangue no eterno chamado do AMOR!

ENTRE AS RAÍZES E O AMANHÃ

Luciana Soares Chagas

Há catorze anos, da mesma janela,
vejo árvores atravessarem o tempo.
Mudam as folhas, a luz, as estações.
Elas permanecem.

Foi com elas que aprendi
que memória não é prisão:
é raiz.

Enquanto o mundo acelera,
colecionando dados, algoritmos
e respostas instantâneas,
elas seguem escrevendo, em silêncio,
a ciência da permanência.

Cada folha que cai
não anuncia derrota;
prepara um recomeço.
Cada broto revela
que o futuro nunca nasce do vazio.

Toda inovação que esquece suas raízes
cresce como concreto:
ocupa espaço,
mas não oferece sombra.

A árvore conhece o segredo
que nenhuma máquina calcula:
o amanhã depende daquilo

que escolhemos sustentar hoje.

Quando volto à janela,
não vejo apenas troncos e galhos.
Vejo o passado alimentando o presente,
e o presente estendendo seus ramos
para um futuro mais humano.

Porque o verdadeiro progresso
não corta raízes.

Faz delas a ponte
por onde o futuro floresce.

ENTRE DUAS ÁRVORES

Marcela da Silva Lira Correia

A memória não mora em arquivos estáticos,
mas na casca onde o tempo escreve.
Uma guarda a sombra nos dias abrasadores,
outra reparte o sol.
Nenhuma julga o vento
por visitar as duas de forma livre.

As raízes conversam no subsolo
num idioma que a pressa humana esqueceu.
Delas nasce a verdadeira ciência:
escutar os sussurros da terra antes de medi-la.
Cada folha é um algoritmo antigo,
calculando chuvas, pássaros e estações,
enquanto o homem teima
em fabricar o futuro em série.

Mas futuro não se fabrica. Cultiva-se.
Toda inovação real começa
quando a semente entende
que romper o escuro não é destruir o solo,
é um ato de reverência às origens.

Por isso as árvores permanecem.
São bibliotecas sem paredes,
laboratórios de silêncio,
arquivos vivos da esperança.
Quem derruba uma árvore apaga capítulos.
Quem planta uma escreve o próximo.

O EXTUÁRIO

Helena Carneiro Polles

O pequeno estuário,
santuário ecológico:
acordou, bocejou, espreguiçou...
Na tentativa de evitar o espirro
levou a mão ao nariz.
Sentiu frio, ralo o seu
fluídico cobertor,
ornamentado, apenas,
por pequenos lambaris.
Olhou ao redor.
Contraiu as pupilas,
tão intensa a luz.
Encontrou marrom
a verde vegetação.
Um ou outro animal
onde, dantes, era um nicho.
Longe andavam os bichos...
Aguçou o olfato:
o pânico lhe trouxe
um cheiro de fumaça,
o borbulhar da pouca água.
Teve vontade de gritar:
seca estava boca.
Um aperto no coração:
medo da petrificação!
O olhar alongou...
No entanto não alcançou
o risco do corisco.
Aguçou a audição...
Não ouviu o ronco do trovão.
O veio que o alimentava,
de perene a temporário,

a cada ano aumentava
a intermitência entre as vazões.
Distante a pororoca...
Ali, um breve estouro de pipocas.
Levaria algum tempo
para que o leito do parceiro,
no momento carroçável,
em água se fizesse forte,
capaz de impulsionar
embarcações de pequeno porte.
“Muita água não passaria
por debaixo da ponte”,
até que seu manto fluídico,
além de lambaris
fosse bordado com
pacus, piaus, tambaquis.
Levaria algum tempo
para que o verde verdejasse,
os passarinhos cantassem,
os bichos retornassem:
um ou outro canoeiro assobiasse.
O pequeno “e***x***tuário”:
santuário ecológico,
enfraquecido novamente bocejou.
Adormeceu devagar
e se pôs a sonhar...

GRANDE PINHEIRO

Lucas Francisco Santos de Jesus

me afogue com suas lágrimas
me quebre ao meio para que eu possa sentir
ser parte de tudo, de novo
como se eu tivesse nascido outra vez

me enterre sob a terra
encha meus lábios de sal
corte pedaços das minhas roupas
e faça um lençol branco

plante uma árvore na minha sepultura
e a observe florescer com o tempo
esse serei eu
renascido como um grande pinheiro

e de longe você vai me ver
desejando estar perto para me abraçar
mas eu já não vou caber no seu abraço

a saudade vai se dissipar no vento
como uma folha de mim
grande pinheiro.

IPÊ AMARELO

Irene Moura Beteille

Tantas histórias você contou pela metade
Vou juntando as folhas secas desse livro
Pelas sombras da cidade
Quem sabe um dia eu saberei o final
Mesmo que triste
Ao revelar-me no inverter da tua imagem

Como encontrar teu passo
No descompasso dessa vida
Reconhecer teu rosto amigo
No espelho em que me apago
Poder ouvir o teu silêncio
No que me sopra a tempestade

Restaram apenas folhas secas
E o tempo que não acelera
Naquele quadro sem moldura
Na secura do peito agreste

Sobrevivendo ao fim de quase tudo
Ao que nem todo o fogo encerra
Gigante, misterioso e mudo
Imperativo Ipê do teu vazio
Teimoso casco bruto e belo
Desafiando os muros
do meu sorriso amarelo

MEMÓRIAS DA SEMENTE

Andre Luis Soares

E surge assim da terra em meio à areia ou lama
vem e se esparrama... raízes, troncos, galhas
espalha assim seus dons: folhas, frescores, frutos,
beleza, ar puro, tudo... que a gente mais precisa.

Você é a própria vida, emprenhando o solo
com suas sementes mágicas.
E eu já brinquei em seu corpo, balangando livre,
suspenso em duas cordas
[nunca quis mesmo ter os pés no chão]
sobre a madeira seca que um dia foi sua irmã.

Basta-me olhar em volta e vejo sua família,
cuja *verdança* brilha em degradê infinito.
E tudo é mais bonito quanto maior o seu bando,
escancarando sombras, contra esse sol a pino.
E eu que, desde menino, conversava consigo,
inventando histórias, ornando vãs mentiras,
que de tão puras viravam verdades cristalinas.

Hoje olho pra você, meu pé de laranja lima,
onde encostado ao tronco, eu arriscava rimas,
sonhando com as gurias que não me davam bola.
Você até hoje ouve e sempre me consola...
e se a vida toma forma de algum suco amargo
junto ao tronco me acalmo e olho o mundo por cima.

Somos a mesma carne, oriunda de Gaia...
eu, humano limitado; você, franca e robusta
dançando ao tom dos ventos
a mais bela das valsas – de poeira e mormaço.
E num dia qualquer, que espero esteja longe,
hei de adentrar o solo (talvez, nalgum domingo),
levado por amigos, eu partirei sorrindo,
embalado em seus braços.

MEMÓRIAS QUASE PÓSTUMAS DAS ÁRVORES

João Pedro Nunes Ruivo

Num campo não tão distante
jaz uma árvore tombada,
pobre, morreu esquecida.

Ora ou outra, ecoam lamentos tristes.
Não se sabe se são dela
ou daqueles que, sem saber a mataram.

Antes de tombar,
a fronde calada, observava os seres
Que sorriam, mas não para ela,
Sorriam somente entre eles.

Só se importavam quando ela estava a florir.
Mas, quando as flores se iam,
Ia-se junto a atenção.

O tronco vivido, temia seu futuro, afinal,
o mundo parecia ocupado demais para as árvores

A terra já estava amarga.
E, sua seiva, contaminada,
já não corria por seu ser.

Até que um dia não resistiu e tombou.
Sua alma morrera antes…
As outras árvores, ao vê-la tombada,
temeram o mesmo destino.
Imóveis, desejavam ter voz,
dizer ao mundo que, sem elas, não há mundo!

Todas testemunham e guardam tempo,
seus anéis como prova, mantém a memória,

Vêm gerações, vão gerações,
mas se vão árvores, e não vêm mais as mesmas.

Cada vez mais sufocadas
Pelo pavimento que aperta,
Merecem uma selva de folhas,
Não de concreto.

Trucidadas por máquinas, machados.
E pelo fruto da ganância.

De frutos, as árvores entendem.
Afinal, seus bons frutos alimentam, trazem vida.
Elas por si só, são a própria vida.
Mas o fruto da ganância, para elas, é podre:
É sentença de morte.

Portanto, cuidemos das outras árvores,
pois, quando uma árvore tomba,
Todos ao seu redor tombam de alguma maneira.

MESMO AMANHÃ

Inês Cristina do Prado

A tenra semente,
pequenina, frágil,
carrega em si o futuro.

Não tem pressa.
Não busca atalhos.
Cresce devagar,
mas cresce seguro.

A raiz mergulha,
firme e paciente,
escrevendo sua história
sob a terra silenciosa.

O tronco se ergue,
Forte e altivo,
abraçando a imensidão azul.

As folhas despertam,
verdes de esperança,
soprando vida
para quem ainda virá.

Mas o progresso,
às vezes esquece
Que são as raízes
Que sustentam o chão.
O asfalto cobre o solo,
a fumaça cobre o céu,
e o verde vai cedendo lugar
ao denso cinza.

Crescem as fábricas,
multiplicam-se os lucros.

Mas sem árvores,
não há sombra.
Não há ar.
Não há futuro.

Progresso de verdade
é construir sem destruir.
É compreender que homem e árvore
respiram o mesmo amanhã.

NA SOMBRA DA LARANJEIRA

Nelci Lourdes Back Oliveira

Naquela tarde de verão
Sentado no quintal da casa
Na sombra da laranjeira
A cuia de chimarrão
Passava de mão em mão.
Na copa o alegre sabiá
Todo estiloso entre verdes folhas
Saltitava de galho em galho
A procura da mais bela vista
Que de palco serviria
Para entoar linda canção.

Pode ser algo mais satisfatório
Do que sentar na sombra de uma árvore
Sentir de leve a brisa bater no rosto
E dos pássaros livres ouvir o canto?

Finda a canção, o sábio sabiá
Pequena ave, símbolo nacional
Laranja madura beliscava
Espalhava com o bico as sementes
Como a dizer: Plante.
Não para você, nem para mim, mas
Para as gerações que virão.
Meu pai deixou esta sublime herança
Que hoje desfruto com prazer
É no mínimo inteligente legado
Para a vida na Terra preservar.

NATUREZA MORTA

Paulo Roberto Aleixo

Do alto de uma árvore seca
um urubu contempla o vale
e as cinzas espalhadas pelo vento
numa dança de morte em redemoinhos

Animais e plantas, tudo é carvão
— a fuligem traz a noite incidente —
no olhar do homem a solidão
Pende em sua mão a tocha acesa

vive ainda a brasa incandescente
consumindo o tronco agonizante
e crepita o bambu chorando clemência

O vento sopra novamente o ar
e o homem chora indiferente
pois o fumo invadiu o seu olhar

O NOME DA GOIABEIRA

Cesar Martins Guimarães

Goiaba é uma vez por ano,
quando o calendário,
brinde do açougueiro,
ainda cheira a tinta fresca.

Ela surge disputada
por larvinhas translúcidas,
que se desfazem na mordida
como arroz doce.

Criado o fruto,
a árvore não descansa;
todo dia dá à luz
o sol,
os passarinhos,
as cigarras,
as sombras.

Por que a chamamos
goiabeira
e não soleira,
passarinheira,
cigarreira,
sombreiro?

O fruto é a exceção,
um parêntese breve na folhagem,
um flash, um infarto agudo.

Entre mim e a árvore e
entre os nomes e as coisas
(as goiabeiras e as goiabeiras)
há um vácuo teimoso:
o desconforto
da respiração suspensa
antes do voo de rapina,
que antevê a novidade
engastalhada nos dentes.

O PACTO DA VERTICALIDADE

José Carlos da Silva Sales

Há um bilhão e meio de anos,
não éramos bicho ou mineral.
Apenas éramos, em suspensão,
cadeia de aminoácidos vagando
nos oceanos sem fim.

Mas houve o nó, o casamento:
a endossimbiose em pleno enredo.
Laço que parecia desatino,
enlace da Bela e a Fera.
E não é que deu certo?
A fera invasora não faliu o templo,
nem a célula baniu a criatura.

A bactéria virou motor, energia pura,
nossa mitocôndria de agora.
E a célula ergueu a estrutura
para reter tamanha força.
Desse nó a vida ganhou norte,
dividiu a estrada em duas direções:
um lado criou pernas,
o outro criou raiz.
Um escolheu o movimento;
o outro, a paciência e seu giz.

As eras marcharam paralelas,
mas não foi calminho, não.
No Reino Animal, a luta era feroz,
só vivia o bicho mais forte,
até que a evolução definiu
o Homo sapiens e seu norte.
As plantas também disputavam o espaço:

ninguém cedia nesse ferrão.

Dessa guerra de seiva e luz,
a árvore nasceu capitã,
maior engenharia da botânica.
Duas coroas do mesmo berço,
homem e árvore no topo do mundo.
Cortem o clichê do rezo e do terço,
o "salve as árvores" infundo.
Antes da ganância, vivia-se bem:
a floresta astuta, o homem também.

Mas o lucro é cego, inventa o inferno:
com serrote, machado e martelo,
ferem do Vegetal o castelo.
Não sabem os gananciosos de agora
que sem árvore a vida vai embora.
Faltará a auréola, a atmosfera,
pois a copa em sua síntese gasosa,
renova o lar e a nossa era,
e não deixa a vida virar prosa.
Mas o ferro tomba a criatura frondosa.
Se o colosso cai na poeira inteira,
o suicídio da carne é a fronteira.

PRECES DE DEVOÇÃO

Ana Luiza Lima Saturnino

Oh meus adoráveis admiradores
E nunca desejei os esquecer
Nem mesmo quando a brisa gelada os levava de mim
Meu desejo era que os raios de sol me trouxessem novas histórias

Assisti guerras e beijos
Enterrei erros e segredos
Meus galhos secaram ao som de almas enlutadas
Oh meus adoráveis admiradores
Temo que virem meus perseguidores

Se minhas raízes pudessem clamar
Talvez ao que eles chamam de Deus eu fosse chamar
Para então meus admiradores alegrar
Pois quando não tenho frutos quase ninguém costumam passar

Ouvi alguém dizer meu nome uma vez
Me senti honrada
Afinal, nem mesmo podia falar e era lembrada
Mas isso só aconteceu após anos
Anos em que dormi profundamente
Enquanto aguardei meu destino pacientemente

Oh meus admiradores
Apaixonada sou por eles
Quão adoráveis são suas expressões e desesperos infundados
Observo seus passos durante as estações
Preso que não me transformem em suas ambições

Os mais belos são os pequenos
Eles me encaram e mexem em minhas folhas secas no chão
Adoraria que voltassem a mim quando mais velhos
Oh meus pequenos admiradores
Se ao menos vocês pudessem me chamar

Ouvir meu nome em suas doces vozes
Acho que eles iriam me salvar
E minhas flores iriam cultivar
Meus pequenos admiradores se movem com cautela
Meus pequenos admiradores se escondem atrás de mim

Nem consigo o céu encarar
Mas eles me observam até cansar
Oh meus admiradores não me lembro se tenho cem anos
Não lembro se tenho duzentos anos
Mas me lembro de os admirar

Minhas folhas se movem para os refrescar
Meus frutos nascem para os alimentar
E minhas flores para os enamorar
Oh meus admiradores
Espero que meu tronco nunca venham arrancar
Pois eu sempre os irei amar

A PRIMEIRA INTELIGÊNCIA DA TERRA

Célia de Fátima Lopes da Silva

Antes do código, a árvore
já decifrava o sol.
Em seus anéis, arquivava chuvas,
secas, pássaros e despedidas;
nas raízes, uma rede invisível
ensinava à terra
a linguagem da partilha.

Nada guardava somente para si:
fazia da luz alimento,
do carbono, permanência,
do silêncio, respiração.
Depois, o homem inventou máquinas
capazes de tocar o impossível,
mas ainda procura aprender
o que uma folha sempre soube:
crescer sem ferir a fonte,
transformar sem destruir o princípio.

Talvez o futuro não esteja
apenas nas telas que acendemos,
mas na floresta que não apagamos.
Que a ciência escute a seiva.
Que a tecnologia encontre raízes.
Que cada descoberta se pergunte
se haverá sombra para uma criança
no mundo que estamos programando.
Porque inovar não é vencer a natureza,
mas caminhar ao lado dela.
E a árvore, antiga guardiã do amanhã,
continua escrevendo no ar
o mais avançado projeto de vida.

A QUEDA DA PRIMEIRA ÁRVORE

Evandro Aranha

Primeiro
Cortaram uma árvore,
Depois duas,
Depois mil,
Depois uma floresta inteira.

Mas árvore não grita;
Ela espera,
E aprende,
O tempo que for suficiente
Para ensinar.

Então,
Uma raiz rompeu o asfalto,
Outra derrubou um muro,
O mato engoliu a calçada;
Onde era praça,
Agora é lago,
Onde era lago,
Agora é mar.

Nas reservas urbanas,
Ainda é permitido visita guiada
A prédios e shopping centers,
O desumanamento cria raízes,
Enquanto a humanidade, incrédula,
Espera;

Ninguém encontrou nos livros de escola
O que fazer quando as florestas começarem
A usar motosserra.

SEM NEXO

Arthur Thomaz da Silva Neto

A pequena árvore, em profundo lamento,
ao ver que o planeta, sofre um tormento,
farfalha aflita os seus galhos a nos mostrar
o lúgubre som de um machado a golpear.

E, naquela mata que um dia foi virgem,
agora só existe fuligem,
efeito de uma queimada
brutal, sem motivo, desalmada.

E Aquele, que tudo criou,
e o caminho do bem ensinou,
hoje, assiste perplexo,
esta destruição sem nexo.

SIBIPIRUNA

Henrique Montserrat Fernandez

Guardo em meus anéis antigos
o calendário das estações,
o riso das crianças,
o silêncio das despedidas.

Sob minha sombra nasceram versos
que o vento levou sem destino.
Hoje florescem em outras vozes,
como sementes de carinho.

Vi cidades erguerem antenas,
satélites cruzarem o céu,
algoritmos aprenderem padrões
e máquinas decifrarem estrelas.

Mas nenhuma tecnologia
inventou raiz mais sábia
que a de quem aprende
a crescer sem esquecer a terra.

Cada folha que renasce
é uma página do futuro
escrita pela luz do sol,
pela água e pela ciência
que protege a vida.

Se desejam um amanhã possível,
não me contem apenas nos parques,
nem me desenhem nos livros.
Plantem-me.

Porque toda árvore
é uma memória respirando,
uma invenção da natureza
aperfeiçoada há milhões de anos,
e a mais antiga tecnologia
capaz de transformar luz
em esperança.

SOMBRA DE LEMBRANÇAS

Emanuelle Silva Rabelo

Em seus braços sinto me seguro,
em sua sombra sinto me real,
como em um conto de fadas
sinto seu cheiro abrir o caminho para um novo mundo,
quando sua vida se esvai, para que outros finquem suas próprias raízes.

De sua medula estilo a seiva que gota a gota me faz vibrar,
como se meu mundo girasse apenas ao seu redor,
como se você fosse a flor da qual toda a colmeia precisasse para respirar.

Passei por você ao anoitecer
e tive a impressão de que entes queridos aproveitavam de sua sombra para descansarem.
Me juntei a eles,
a aquele lampejo de amor que você segurava consigo,
aquela esperança de um mundo melhor
que eles guardavam em seus peitos.

Será que se decepcionariam com os carros que ainda não aprenderam a voar?
Quantas de suas folhas teriam caído sob o gramado desde que partiram?

Observo, sentado à sua mercê
que, tudo aquilo que sou capaz de enxergar,
os outdoors, os prédios, casas, parquinhos e crianças,
tudo vem de você,
tudo nasce a partir de sua casca,
tudo se transforma a partir de bolotas.

A primavera se aproxima,
e com ela, mais uma vez,
desfrutaremos de sua vida,
floresceremos de seus nutrientes,
e respiramos o ar que você nos entregou em mãos,
com um embrulho florido
e um grande laço.

Apenas uma lembrança de que você existia
e sempre existirá.

SONETO DE PAPEL

Giovanna Tardelli Bernardes Rinaldi Leite

Homens, ruído, que morte cruel.
Despida, árvore sangra no chão.
Caída, sem luz, a carregarão.
O que querem é dinheiro e papel.

De linha vermelha, um carretel.
Desenhos, palavras, recordação.
Depois para o lixo, renovação.
Já expôs a todos o seu cordel.

Reciclado, marcado, memória.
No álbum mostra fotografia.
Vejo o nosso passado, história.

Futuro é tecnologia.
Sem corte e nem morte, vitória.
Foto virtual é trajetória.

TEMPLO VERDE

Paulo Ismar Mota Florindo

Antes do ar, antes do nome, antes da língua,
quando o universo ainda aprendia a respirar,
havia apenas o escuro costurado por poeira,
um silêncio primitivo fermentando galáxias.

Então, há quatrocentos milhões de anos,
ergueu-se o primeiro gesto verde.
Talvez não fosse ainda a árvore,
talvez fosse um tronco breve, folhas incertas,
um ensaio da floresta que Deus
Ou o acaso ainda escrevia.

Mas já havia nela a coragem
de crescer para aos céus.
Desde então, cada raiz
tornou-se uma carta de amor
endereçada ao centro da Terra;
seus galhos, braços estendidos,
aprendiam a transformar luz em vida.

Árvores, mães silenciosas da respiração.
Arquitetas invisíveis do horizonte.
Poetas que rimam sonetos sem tinta,
apenas com sementes que bailam ao vento.

Quantas ainda resistem apesar de nós?
Apesar do cálculo que mede o lucro
e esquece a sombra.

Apesar da serra que aprende a cortar
antes mesmo de aprender a agradecer.

Quem lhes pergunta o nome
antes de condená-las?
Quem ouve o rumor
de uma floresta diminuindo?
Quem percebe
que uma árvore tombada
derruba também um pedaço do céu?

Nenhuma invenção humana foi capaz de criar, do nada,
um único ipê florescendo em agosto,
uma figueira abrigando gerações de pássaros,
um flamboyant incendiando de vermelho.

O progresso talvez seja aprender a permanecer.
Prosperar sem transformar o futuro
num enorme deserto de lembranças.

Árvore, rainha discreta da botânica,
escultura que o tempo martela lentamente,
teu fruto elevado à condição de templo.

O TEMPO, SUAS FOLHAS E SUA FALTA

Beatriz Ferreira Braga

Todos nós temos um começo, meio e fim...
Mas e ela?

Se todos que a viram em seu estado inicial
não estiverem mais aqui um dia,
se ela vir todos irem embora,
mas ninguém a vir partir...

Como vamos provar
que ela também teve um fim?

Não sei sobre o seu fim,
mas sei que ela teve um começo.

Eu sei,
pois nós dois vimos esse começo.

Um começo
sensível, delicado e juvenil.

Ela se ergue, envergonhada,
se abre aos poucos,
sem chamar atenção.

Então se expande,
ocupa espaço,
rouba a calçada,
cria sombra.

Se ergue bela como uma rainha,
coroada por joias amarelas e brilhantes.

Porém, o seu fim veio antes do dela,
algumas centenas de anos antes.

Você não a viu crescer,
desabrochar e brilhar,
mas você a amou,
mesmo com as folhas ainda secas.

Era quem mais merecia
vê-las brilhando como ouro.

Para aqueles que as amam,
elas serão sempre eternizadas
em cada oportunidade de crescer,
de se expandir,
de ocupar espaço
e criar sombra.

TERRA ERMA

João Felipe Salomão

Logo agora
Essa poda criminosa
Feita direta no tronco
Quando o fogo come os campos
E o sol fustiga o corpo?

Sagrada foi a sombra
E o frescor desse colosso

Verde templo de pássaro:
Coleiro, sanhaço
Anu branco, alma-de-gato

pode ter quem goze
Mais com o ronco de morte
Da motosserra faminta
Em vez das cores das vozes
Das aves na primavera
E do vôo livre das folhas
Amarelas no outono?

Nunca mais dessa varanda
Nunca mais dessa janela
Nunca mais o sol nas frestas
Dos galhos pela manhã
Nessas retinas velhas

Só a casa vazia
O espaço onde a vista erra
E a vasta solidão
Da terra plana deserta

TOC TOC, ALGUÉM AÍ?

Emily Isa Siqueira Fontes

"Bate na madeira, afasta o azar"
Contou minha vó

Eu ri, mas repiti
Sabia que havia espíritos em árvores?
E tudo que precisávamos fazer era bater na porta deles
E pedir ajuda

Dizer um oi a um velho amigo
E ganhar um empurrãozinho

Então...
Então eu entendi
Nosso erro nunca foi comer o fruto proibido
Foi construir nossa vida em cima de uma vala comum

Quem não condenaria uma raça que mata
E ainda tem a coragem de pedir ajuda aos corpos que eles mesmos criaram

Afinal é só madeira compensada
É só um corpo que nem pode descansar
Foi sangrado e triturado e depois usado como um apoio de sapato

Bata na madeira
Não temos o mínimo respeito pelos outros.
(Mas... Isso não é verdade)
Lembro de plantar um feijão
Acreditando que dali nasceria uma árvore
Lembro de plantar uma árvore
Afinal o que é mais velho e eterno?

Porque humanos são peixinhos dourados
Memórias são de curto prazo
Por isso esculpi nossas iniciais lá

Eu e você na terra
Uma criança passando a mão nas nossas letras e imaginando um futuro
Uma avó dizendo "bata na madeira e sussure seus desejos"
E talvez dessa vez seríamos nós a atender ao pedido

Ou talvez eu só esteja sendo otimista
E não sejamos nada além de uma carteira rabiscada, quebrada e largada
Ah, talvez os antigos estejam certos
E eu não seja louco de bater

Olhe em volta
Sentamos todo santo dia
Em cima de uma lápide
O que nesse mundo ainda está vivo?

Eu, você e...
Um broto de feijão
Então bata na madeira
Talvez ele realmente seja uma árvore
Talvez valha tentar

TRILHA

Eduardo Ferreira de Souza

Contemplo-me no vento verso livre que brinca no mato:
Supero-me.
Transcendo-me pelo cantar dos pássaros:
Empreendo-me.
Preencho-me no vão entre céu e chão:
Projeto-me.
Entrego-me íntegro à chuva:
Integro-me.
Completo-me no cosmos
Arvoro-me.

O TRONCO DO FUTURO

Natalia Beatriz Nunes

Ouviram do progresso o som urgente,
De um povo que desperta a sã memória,
E a árvore, esse berço esplêndido e verde,
Se faz raiz e traço da história.
Minha terra tem palmeiras e ipês de ouro,
Onde canta o sabiá da inovação,
Guardando no tronco o maior tesouro:
A vida que brota do solo pátrio chão.
Nossos bosques têm mais vida e ciência,
Nossa vida, em teu seio, mais futuro,
Se unirmos o chip e a semente pura
No manejo constante, forte e seguro.
Não permita Deus que eu viva sem ver
A tecnologia a favor da floresta,
Onde a preservação se faz o dever
E a sustentabilidade é a nossa festa.
Gigante pela própria natureza,
O broto do amanhã já se anuncia,
Misturando dados, seiva e beleza,
Em laboratórios de pura poesia.
Terra adorada, entre outras mil,
É a árvore a haste que ergue o Brasil!

VIVEMOS

Darlan Alcantara de Padua

Por sobre a crosta intemperizada
Que lentamente se faz em solo
Ora mais farto
Ora mais escasso
E sob o sol, que é a base de toda vida

Fixamo-nos aqui e ali
Imóveis?
Nem tanto
Apenas aparentemente
Pois viajamos longe
Sem necessidade de translações ou rotações
Viajamos mundos
Interligamo-nos

Redes de raízes
Micélios de Armillaria e outros
Parceiros pelos ares
Abelhas, colibris, seres invisíveis
Brisas falantes

Galhos, galhadas, ramos e folhas
Falam ao vento
Abraçam o mundo
Espalham tapetes de flores e cores
Cobrimos e protegemos os seres mais frágeis com sombras frescas
Aquecemos corações frigidos em fogueiras
Emanam de nossas copas rios aéreos

Frutos?
E o frescor de seus sucos...
Meros detalhes
Um prazer alimentarmos o mundo

Até que venham, covardemente, o machado
Serrotes, traçadores
A motosserra
O trator
E aí só resta o rangido triste
No arrebentar das ultimas fibras do xilema inocente
E o grito enfadonho: – Madeeeeira!
O baque seco no solo
O sutil e pequeno terremoto
(só quem já sentiu sabe o que é)
E a lembrança da floresta, do bosque
(quando há)

E assim caminha a humanidade
(Desdenhando-nos)
Em meio a ondas de calor extremo
Intercaladas a ondas de frio congelante
A espera do fim do mundo

WOOD WIDE WEB

José Carlos da Silva

Não aprendi os nomes
que os homens dão às perdas.
Conheço as estações.
Fui plantada
no caminho da escola
por quatro mãos.
Duas já traziam
rugas e semente.
Duas ainda cabiam
dentro da manhã.
Antes do sino,
o menino e o avô paravam.
Um regador pequeno
inclinava a água
sobre minhas raízes.
Enquanto a cidade
esticava fios sobre o céu,
minhas raízes
aprendiam outro caminho:
a notícia da chuva,
a fome da terra,
o susto do machado,
o nascimento dos brotos.
Muito antes
de inventarem redes,
a floresta já conversava
em silêncio.
Guardei, manhã após manhã,
o peso daquela água,
o riso daquele menino,
a sombra daquele velho.

A madeira viva
tem memória.
Décadas correram
pela minha casca
como formigas.
Um dia,
o menino voltou
com cabelos de inverno.
À minha sombra,
outro esperava.
Trazia um regador.
Disse que voltaria
com o avô.
Talvez minhas folhas
lhe devolvessem
algum caminho
que a memória perdera.
O vento atravessou
meus galhos.
Sob a terra,
as raízes continuaram
trocando lembranças
com árvores
que jamais encontrei.
Sobre a terra,
o homem olhava o menino.
Os dois seguravam
o regador
do mesmo jeito.
Não sei nomes.
Árvores não contam gerações.
A madeira viva
guarda conexões.



UNISO

(Filiada à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC)

Missão da Universidade de Sorocaba

"Ser uma Universidade Comunitária que, por meio da integração de ensino, pesquisa e extensão, produza conhecimentos e forme profissionais, em Sorocaba e região, para serem agentes de mudanças sociais, à luz de princípios cristãos".

www.uniso.br